



SEÇÃO: ARTIGOS LIVRES

Teologia como *intellectus fidei*: sobre o “ponto de partida” da teologia

Theology as intellectus fidei: on the “starting point” of theology

Teología como intellectus fidei: sobre el “punto de partida” de la teología

**Francisco de Aquino
Júnior¹**

orcid.org/0000-0001-8142-3280
axejun@yahoo.com.br

Recebido em: 1 dez. 2022.

Aprovado em: 30 abr. 2023.

Publicado em: 25 ago. 2023

Resumo: Em 2007 e 2008, aconteceu, no Brasil, um tenso e polêmico debate acerca do estatuto teórico da Teologia da Libertação, provado pelas críticas contundentes de Clodovis Boff ao que considera uma “inversão de princípio” nessa teologia, com consequências graves para a fé, para a evangelização e para a própria teologia. Um dos pontos fundamentais desse debate diz respeito ao “ponto de partida” (fundamento, fonte, princípio, *arché*) da teologia, e esse é o tema de nosso estudo neste trabalho. Sem entrar diretamente na polêmica do referido debate, interessa, aqui, retomar a problemática do “ponto de partida” da teologia que está na origem desse debate. Para isso, apresentaremos as posições de Clodovis Boff e de Gustavo Gutiérrez, que expressam bem as principais teses/posturas sobre essa problemática; explicitaremos o conflito teórico-teológico entre elas, bem como os pressupostos teórico-epistemológicos que as condicionam e as sustentam; e destacaremos as implicações teológico-pastorais dessas posturas. Com isso, ao mesmo tempo que explicitaremos um conflito teórico-teológico, no referido debate, sobre o estatuto teórico da Teologia da Libertação (pressupostos teóricos), abordaremos uma questão fundamental e decisiva do fazer teológico (ponto de partida).

Palavras-chave: teologia; ponto de partida; Teologia da Libertação; Clodovis Boff; Gustavo Gutiérrez; intelecção.

Abstract: In 2007 and 2008, a tense and controversial debate took place in Brazil about the theoretical status of Liberation Theology, proved by Clodovis Boff's scathing criticism of what he considers an “inversion of principle” in this theology, with serious consequences for faith, for evangelization and for theology itself. One of the fundamental points of this debate concerns the “starting point” (foundation, source, principle, *arché*) of theology. And this is the subject of our study in this work. Without entering directly into the polemics of that debate, it is interesting here to return to the problematic of the “starting point” of theology that is at the origin of this debate. For this, we will present the position of Clodovis Boff and Gustavo Gutiérrez who express well the main theses/postures on this issue; we will explain the theoretical-theological conflict between them, as well as the theoretical-epistemological assumptions that condition and sustain them; and we will highlight the theological-pastoral implications of these positions. With this, while we will make explicit a theoretical-theological conflict in the aforementioned debate on the theoretical status of liberation theology (theoretical assumptions), we will address a fundamental and decisive issue of theological work (departure point).

Keywords: theology; starting point; Liberation Theology; Clodovis Boff; Gustavo Gutiérrez; intellection.

Resumen: En 2007 y 2008, tuvo lugar en Brasil un tenso y controvertido debate sobre el estatuto teórico de la Teología de la Liberación, probado por la mordaz crítica de Clodovis Boff a lo que considera una “inversión de principio” en esta teología, con graves consecuencias para la fe, para la evangelización y para la teología misma. Uno de los puntos fundamentales de este debate se refiere al “punto de partida” (fundamento, fuente, principio, *arché*) de la teología. Y este es el tema de nuestro estudio en este trabajo. Sin entrar directamente



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Recife, PE, Brasil.

en las polémicas de ese debate, es interesante aquí volver a la problemática del "punto de partida" de la teología que está en el origen de este debate. Para ello presentaremos la posición de Clodovis Boff y Gustavo Gutiérrez quienes expresan bien las principales tesis/posturas sobre este tema; explicaremos el conflicto teórico-teológico entre ellos, así como los presupuestos teórico-epistemológicos que los condicionan y sustentan; y destacaremos las implicaciones teológico-pastorales de estas posiciones. Con ello, si bien explicitaremos un conflicto teórico-teológico en el citado debate sobre el estatuto teórico de la teología de la liberación (presupuestos teóricos), abordaremos una cuestión fundamental y decisiva del quehacer teológico (punto de partida).

Palabras clave: teología; base; Teología de la Liberación; Clodovis Boff; Gustavo Gutiérrez; intelección.

Introdução

Embora seja comum falar da teologia como "inteligência da fé", há abordagens muito distintas (e mesmo conflitantes) de "inteligência da fé". As discussões acerca do estatuto teórico da Teologia da Libertação, provocadas por Clodovis Boff em 2007, são uma boa amostra disso (ADÃO, 2014; AQUINO JÚNIOR, 2008, 2009; BOFF, C., 2007, 2008; BOFF, L., 2008; COMBLIN, 2009; HAMMES; LIBANIO, 2019; SUSIN, 2008; WESS, 2011). Infelizmente, o tom polemicista e um tanto apelativo da crítica e das reações acabou ofuscando um conflito teórico e impedindo um debate fecundo entre matrizes teóricas distintas e conflitantes. Passados 15 anos, queremos retomar uma problemática fundamental desse "debate" (não o "debate" propriamente!), apresentando e confrontando duas perspectivas e abordagens acerca do "ponto de partida"² da teologia: "fé positiva ou dogmática" (Clodovis Boff) e "ato de fé" ou "vida cristã" (Gustavo Gutiérrez). Dessa forma, ao mesmo tempo que abordaremos uma questão fundamental e decisiva do fazer teológico (ponto de partida), explicitaremos um conflito teórico latente no referido debate sobre a Teologia da Libertação (pressupostos teóricos).

Convém advertir que a discussão acerca do

"ponto de partida" da teologia não é uma questão banal nem meramente especulativa. Está em jogo o estatuto teórico da teologia: tanto no que diz respeito ao seu *assunto* (de que trata) quanto no que diz respeito ao seu *caráter intelectual* (como trata). É verdade que raramente se problematiza e se reflete sobre essa questão (BOFF, C., 2000), mas ela é muito mais determinante do fazer e do produto teológicos do que se pensa. Em boa medida, como veremos a seguir, as tensões e os conflitos teológicos têm a ver com a problemática do "ponto de partida" da teologia.

"Fé positiva ou dogmática" (Clodovis Boff)

Clodovis Boff é certamente o teólogo brasileiro que mais problematizou e refletiu sobre a questão do "ponto de partida" da teologia. E fez isso de modo mais elaborado e sistemático em sua obra *Teoria do método teológico* (BOFF, C., 1998). A questão é retomada no congresso da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER), em 2000, em uma conferência intitulada "Retorno à *arché* da teologia" (BOFF, C., 2000) e, de modo mais polêmico e apelativo, em dois artigos publicados na *Revista Eclesiástica Brasileira* (REB) depois da Conferência de Aparecida em 2007 em termos de "Volta ao fundamento" (BOFF, C., 2007, 2008).

Na obra *Teoria do método teológico*, a questão aparece na primeira parte (*Questões nucleares*), mais precisamente em sua primeira seção (*Fundamentos*), no capítulo quinto, intitulado *A fé-palavra: fonte primeira e decisiva da teologia*.

Boff (1998) começa sua reflexão destacando a importância fundamental e decisiva dessa problemática ("de onde arranca a teologia?"), formulada em termos de "fonte primeira", "fundamento último", "princípio básico" ou "princípio formal" da teologia. Diz que está em jogo aqui, em última instância, aquilo que "confere especificidade à teologia" ou aquilo que "funda a teologicidade da teologia" – na linguagem aristotélico-escolástica, sua "*ratio formalis*" – e, por isso mesmo, "o critério radical e decisivo que nos permite identificar um discurso como discurso teológico" (BOFF,

² Para sermos mais precisos, deveríamos falar aqui de "princípio" (a *arché* dos gregos), isto é, aquilo que funda, configura e dá identidade e, enquanto tal, perpassa o processo inteiro e é critério decisivo de julgamento de cada passo dado e do processo como um todo. Por razões didáticas e em referência ao debate com Clodovis Boff sobre o estatuto teórico da Teologia da Libertação, usaremos a expressão "ponto de partida", mas sempre no sentido de "princípio" ou *arché* da teologia.

C., 1998, p. 110).

Afirma que o "princípio formal" da teologia é "constituído pela fé", advertindo, porém, que, "embora a fé constitua um só ato sintético, rico de múltiplas determinações"[fé-experiência, fé-palavra, fé prática], "é precisamente através [...] da fé-palavra, que se nos transmite o conteúdo *noético* essencial da fé e, portanto, o princípio inteligível da teologia" (BOFF, C., 1998, p. 110). Por "fé-palavra", entende "a fé positiva ou dogmática, a *fides quae*" ou a "Tradição apostólica, condensada no Credo": "palavra do testemunho" (anúncio e confissão) – "palavra da doutrina" (catequese, magistério, teologia) (BOFF, C., 1998, p. 111). É daqui que arranca a teologia enquanto *intellectus fidei*.

Justificando sua tese "fé-palavra: fonte primeira e decisiva da teologia", Boff (1998) insiste na distinção e heterogeneidade entre "vida de fé" (fé vivida ou *fides qua*) e "discurso da fé" (fé pensada ou *fides quae*). Enquanto, na primeira, "o critério decisivo é o amor", no segundo, "o que conta é a fé certa, não a fé vivida". Por isso mesmo, diz ele, "convém aqui não confundir a ordem da existência com a ordem da inteligência, a saber, não misturemos analiticamente a vida com o pensamento e o amor com o discurso" (BOFF, C., 1998, p. 112). Tratando da relação entre "teologia e vida", volta a insistir que "as ordens da teoria e da prática são distintas, embora idealmente unidas; são heterogêneas, ainda que combináveis" (BOFF, C., 1998, p. 391). Importante atentar, aqui, para a formulação da relação teoria e prática em termos de "ordens" e de ordens "heterogêneas", "ainda que combináveis" ou "embora idealmente unidas".

Essa (suposta!) heterogeneidade entre vida e pensamento ou entre prática e teoria leva Boff ao extremo de afirmar que "só teoria gera teoria, não a prática" (BOFF, C., 1998, p. 117) (uma tese bastante problemática e discutível) (AQUINO JÚNIOR, 2021) e justifica sua tese da "fé-palavra como princípio formal da teologia" (BOFF, C., 1998, p. 110):

Na matéria que estamos tratando – epistemologia –, nos situamos no nível do pensamento. E aqui o que conta é a fé *certa*, não a fé *vivida*, embora aquela esteja sempre a serviço desta,

como a teologia está em função da vida cristã (BOFF, C., 1998, p. 112).

E isso o leva a criticar o que considera "interpretações problemáticas" do "ponto de partida formal" da teologia: "fé-experiência", "fé-práxis" e "epistemologia do amor" (BOFF, C., 1998, p. 119-123). Ainda que chegue a admitir que "seria possível sustentar que a 'práxis' é sim o princípio determinante da teologia caso a entendamos como sendo a práxis de Deus" (BOFF, C., 1998, p. 121) ou que, "se há alguma prática que aqui tem a primazia, é a prática de Deus – a Revelação" (BOFF, C., 1998, p. 171), volta sempre à tese fundamental: "O 'ponto de partida' estritamente teórico (epistemológico) do discurso teológico só pode ser a fé positiva" (BOFF, C., 1998, p. 124).

Em síntese, para Clodovis Boff, o *ponto de partida* da teologia ou sua "fonte primeira e decisiva" só pode ser a "fé-palavra", isto é, a "fé positiva ou dogmática" ou a "*fides quae*". Enquanto discurso ou teoria da fé, a teologia "arranca", portanto, das afirmações dogmáticas da fé. E essa tese está fundada no pressuposto teórico-epistemológico da distinção e heterogeneidade entre "vida e pensamento" ou entre "teoria e prática", cuja expressão extrema é a afirmação de que "só teoria gera teoria, não a prática" (BOFF, C., 1998, p. 117). Partindo desse pressuposto teórico-epistemológico, Boff critica outras concepções acerca do ponto de partida da teologia como "fé-experiência" e "fé-práxis", bem como a tese de Sobrino da teologia como "*intellectus amoris*" (AQUINO JÚNIOR, 2009; BOFF, C., 1998).

"Ato de fé" ou "vida cristã" (Gustavo Gutiérrez)

Embora as discussões epistemológicas não ocupem o centro das preocupações e reflexões de Gustavo Gutiérrez, ele teve o mérito incalculável de intuir e esboçar uma "nova maneira de fazer teologia" (GUTIÉRREZ, 2000a, p. 73) e, assim, "criar um novo campo epistemológico no âmbito do pensamento cristão" (BOFF, L., 1988, p. 531).

Em sua obra clássica *Teologia da Libertação: Perspectivas*, de 1971, reconhecendo as "tarefas

clássicas da teologia" – "teologia como sabedoria" e "teologia como saber racional" – como "tarefas permanentes" (GUTIÉRREZ, 2000a, p. 58), Gutiérrez fala da teologia como "reflexão crítica da práxis histórica à luz da Palavra" (GUTIÉRREZ, 2000a, p. 71):

Uma teologia que não se limita a pensar o mundo, mas procurasituar-se como um momento do processo por meio do qual o mundo é transformado: abrindo-se – no protesto diante da dignidade humana pisoteada, na luta contra a espoliação da imensa maioria da humanidade, no amor que liberta, na construção de uma nova sociedade, justa e fraterna – ao dom do Reino de Deus (GUTIÉRREZ, 2000a, p. 74).

Nessa apresentação histórico-panorâmica da teologia (sabedoria, saber racional, reflexão crítica sobre a práxis), Gutiérrez afirma que, "nos primeiros séculos da Igreja, o que hoje denominamos teologia era estreitamente ligada à vida espiritual" (GUTIÉRREZ, 2000a, p. 58) e que, a partir do século XIV, vai ocorrendo uma "separação entre teólogos e espirituais" (GUTIÉRREZ, 2000a, p. 59) e uma "ruptura entre teologia e espiritualidade" (GUTIÉRREZ, 2000a, p. 60). Essa constatação é fundamental para se compreender a novidade e a relevância de sua teologia, entendida e formulada em termos de "ato segundo" (reflexão crítica) em relação ao "ato primeiro" (práxis) (GUTIÉRREZ, 1986, 2000a). No fundo, o intento de Gutiérrez é recuperar a unidade fundamental entre "espiritualidade e teologia" (GUTIÉRREZ, 1984) e "colocar o trabalho teológico no complexo e fecundo contexto da relação prática-teoria" (GUTIÉRREZ, 1981, p. 293). Isso o leva a uma redefinição das funções ou tarefas clássicas da teologia: "Sabedoria e saber racional terão, daí em diante, mais explicitamente, como ponto de partida e como contexto a práxis histórica" (GUTIÉRREZ, 2000a, p. 72). E faz isso em um contexto mais amplo de redescoberta da importância fundamental dos "aspectos existenciais e ativos da vida cristã" (GUTIÉRREZ, 2000a, p. 61) e da "ação humana como ponto de partida de toda reflexão" (GUTIÉRREZ, 2000a, p. 65).

Essas intuições, esboçadas em sua obra clássica e reafirmadas em escritos posteriores, foram

retomadas, de modo mais sistemático, no texto em que apresenta os pontos centrais e permanentes de suas publicações para o doutorado em Teologia no Instituto Católico de Lyon, na França, em 1985 (GUTIÉRREZ, 2000b). Os títulos das três partes do texto, em sua unidade fundamental, indicam a compreensão de Teologia da Libertação de Gustavo Gutiérrez: "Uma linguagem sobre Deus" (I) "a partir do reverso da história" (II) para "dar testemunho da ressurreição" (III). A problemática do ponto de partida da teologia aparece na primeira parte do texto que fala da teologia como "uma linguagem sobre Deus".

Ao se perguntar pelo caminho/método mais adequado para elaborar um discurso sobre Deus que respeite seu caráter de mistério, Gutiérrez (2000b, p. 18) diz que "inicialmente se deve contemplar a Deus e acolher sua vontade; apenas em um segundo momento se pensa a respeito dele", insistindo que "a veneração a Deus e a atualização de seu desígnio são a condição necessária para uma reflexão sobre ele" ou que "só a partir da prática (contemplação e compromisso) é possível elaborar um discurso autêntico e respeitoso sobre Deus". E, aqui, retoma sua tese da teologia como "ato segundo" (reflexão) em relação ao "ato primeiro" (vida cristã) (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 18), destacando o vínculo essencial entre "espiritualidade e método teológico" (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 19-21). Chega mesmo a formular a tese de que "nossa metodologia é nossa espiritualidade", no sentido de que "o caminho para ser cristão é o fundamento da direção que se toma para fazer teologia" (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 20). Nesse contexto, faz uma afirmação que é fundamental para a problemática que estamos tratando:

No ponto de partida de toda teologia, encontra-se o ato de fé. Não, porém, como simples adesão intelectual à mensagem, e sim como acolhida vital do dom da Palavra, escutada na comunidade eclesial, como encontro com o Senhor, como amor ao irmão (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 20).

Em síntese, para Gustavo Gutiérrez, o *ponto de partida* da teologia é a "vida cristã" (contemplação e compromisso, oração e solidariedade) ou a "espiritualidade" (seguimento de Jesus Cristo)

ou o "ato de fé" (encontro com o Senhor e amor ao irmão). É o que ele chama "ato primeiro" em relação ao "ato segundo" que é a reflexão: "Só a partir da prática é possível elaborar um discurso autêntico e respeitoso sobre Deus" (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 18); "o caminho para ser cristão é o fundamento da direção que se toma para fazer teologia" (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 20). Conforme indicamos anteriormente, seu intento maior é recuperar a unidade fundamental entre espiritualidade e teologia (GUTIÉRREZ, 1984, 2000b), buscando "colocar o trabalho teológico no complexo e fecundo contexto da relação prática-teoria" (GUTIÉRREZ, 1981, p. 293).

Conflito teórico-teológico

Clodovis Boff e Gustavo Gutiérrez afirmam que a fé é o "ponto de partida" da teologia. Quanto a isso não há dúvidas nem divergência. Mas, enquanto Boff fala aqui de "fé positiva ou dogmática", Gutiérrez fala de "ato de fé" ou "vida cristã". Certamente, Boff não reduz a fé à sua expressão positiva ou dogmática, mas defende que esse é o ponto de partida da teologia, enquanto discurso ou pensamento da fé. E, certamente, Gutiérrez não nega a dimensão positiva ou dogmática da fé, mas defende que o ponto de partida teologia, enquanto discurso ou pensamento da fé, é a vida cristã ou a espiritualidade ou o ato de fé. Há, aqui, um conflito teórico latente acerca do saber/conhecimento em geral que condiciona a compreensão de teologia e do que fazer teológico dos autores estudados. Sem problematizar, explicitar e confrontar os pressupostos teórico-epistemológicos em jogo, não se compreenderá de modo adequado esses autores nem, conseqüentemente, o conflito teórico-teológico entre eles.

É verdade que o debate acerca da inteligência humana extrapola os limites da teologia e as competências do teólogo. É um dos temas mais complexos, densos e áridos da filosofia (GONZÁLEZ, 2005). Por isso mesmo, um tema normalmente evitado ou dado por suposto na teologia (AQUINO JÚNIOR, 2018), mas nem por isso menos determinante do fazer e do produto teológicos. Pelo contrário; toda teologia é marca-

da decisivamente por uma noção mais ou menos implícita ou explícita do saber. Sua problematização confere lucidez e criticidade à reflexão teológica, ao mesmo tempo que favorece um debate teórico mais conseqüente acerca da inteligência humana em geral e do saber teológico em particular. Daí a importância fundamental da mediação filosófica na teologia; daí a necessidade de ao menos problematizar e tematizar a noção de saber implícita em cada teologia.

No conflito teórico acerca do "ponto de partida" da teologia entre Boff e Gutiérrez, subjaz um conflito em torno da compreensão da inteligência humana que extrapola os limites de um debate teológico e que bem poderia ser formulado com Xavier Zubiri em termos de "inteligência sentiente" (apreensão de realidade) *versus* "inteligência concepiante" (concepção, juízo) (ZUBIRI, 2006). Embora não haja oposição entre "apreensão de realidade" e "concepção/juízo", não é a mesma coisa identificar inteligência com concepção/juízo (conceber, julgar) ou tomar concepção/juízo como uma das funções da inteligência (modo de apreensão). No fundo, está em jogo aqui a problemática da *unidade* ou *oposição* entre sentir e inteligir (ZUBIRI, 2006), decisiva na problemática teoria-práxis.

Zubiri (2006, p. 79) insiste que a filosofia é marcada desde suas origens por uma "oposição" mais ou menos explícita e radical entre "sentir" e "inteligir": "A filosofia clássica sempre opôs o inteligir ao sentir. Inclusive, quando tentou alguma vez com Kant unificá-los, tratou-se sempre de 'unificação', mas não de 'unidade' estrutural formal". Com isso, diz ele, "a inteligência foi se subsumindo progressivamente em ser declaração do que a coisa é, ou seja, foi-se identificando inteligência e logos predicativo" – o que ele chama "logificação da inteligência" (ZUBIRI, 2006, p. 86). Ao analisar a inteligência humana (AQUINO JÚNIOR, 2021; ZUBIRI, 2001, 2002, 2006), entretanto, Zubiri (2006) mostra como não só não há oposição entre sentir e inteligir, mas como eles constituem uma "unidade estrutural", de modo que o sentir humano é um "sentir intelectual" e o inteligir humano é uma "inteligência sentiente".

Por mais irreduzíveis que sejam (distinção), sentir e inteligir são inseparáveis (unidade estrutural). Certamente, isso não nega a função de conceituar e julgar da inteligência, mas insiste que, sendo "uma função intelectual inexorável, não é, no entanto, o primário e radical do inteligir, porque a inteligência é primária e radicalmente apreensão sentiente do real como real", e "conceituar é apenas um desdobramento intelectual da impressão de realidade" (ZUBIRI, 2006, p. 87).

Isso tem enormes consequências para a problemática teoria-prática e, concretamente, para a problemática do "ponto de partida" da teologia. Quem parte do pressuposto de uma radical separação entre sentir e inteligir não pode admitir a tese da práxis como ponto de partida da teologia. Em contrapartida, quem parte do pressuposto da unidade estrutural fundamental sentir-inteligir não pode compreender a teoria como algo completamente independente da práxis, por mais irreduzível que seja. E não é difícil perceber, no conflito acerca do "ponto de partida" da teologia entre Boff ("fé positiva ou dogmática") e Gutiérrez ("ato de fé" ou "vida cristã"), um conflito teórico-epistemológico mais fundamental acerca do vínculo entre sentir e inteligir que é determinante do vínculo entre teoria e práxis (separação/oposição *versus* unidade estrutural).

Ao justificar a tese "fé-palavra: fonte primeira e decisiva da teologia", Clodovis Boff (1998, p. 112) insiste em "não confundir a ordem da existência com a ordem da inteligência" ou "não [misturar] analiticamente a vida com o pensamento e o amor com o discurso". Afirma que "as ordens da teoria e da prática são distintas, embora idealmente unidas; são heterogêneas, ainda que combináveis" (BOFF, C., 1998, p. 391). Chama atenção a naturalidade com que ele fala de *distinção e heterogeneidade* entre teoria e práxis, como se fossem a mesma coisa. Que sejam "distintas" (irreduzíveis) não significa que sejam "heterogêneas" (gêneros diferentes). Boff (1998, p. 117) chega ao extremo de afirmar que "só teoria gera teoria, não a prática". Um pressuposto teórico-epistemológico o acompanha desde sua tese doutoral sobre a Teologia do Político (BOFF, C., 1993), levando-o a

concluir que "o discurso da Teologia do Político se sustenta sobre os dois pilares-mestres que são a *Mediação Sócio-Analítica* [objeto teórico] e a *Mediação Hermenêutica* [modo de apropriação], sendo que a *Práxis* é o solo onde eles se sustentam" (BOFF, C., 1976, p. 795). Sendo ainda mais claro e explícito, afirma que a "Mediação Sócio-Analítica" e a "Mediação Hermenêutica" são os "dois elementos estruturais de uma Teologia do Político" e que "a Práxis não é mediação teórica alguma" – "ela pode ser, sim, *meio* no sentido do *medium in quo* se faz a teologia [...], mas ela não [a] constitui como tal, como se ela fosse uma mediação no sentido de *medium quo* o processo teológico se implementa"; "ela não entra, portanto, na instauração do estatuto epistemológico da Teologia do Político, mas, sim, no seu estatuto social e histórico" (BOFF, C., 1976, p. 796).

Não por acaso, Boff (1993, 1998) retoma a concepção de "prática teórica" de Louis Althusser e a aplica ao fazer teológico: "a prática teórica produz *Generalidades III* [produto] mediante o trabalho da *Generalidade II* [corpo de conceitos] sobre a *Generalidade I* [matéria-primal]" (BOFF, C., 1993, p. 148). Segundo essa concepção, "o processo de conhecimento científico arranca formalmente, não das coisas reais ou concretas, mas das noções gerais, abstratas e ideológicas que se encontram numa cultura dada", de modo que "as coisas reais permanecem atrás do processo cognitivo, enquanto pressuposto deste e enquanto sua visada, de algum modo, assintótica" (BOFF, C., 1993, p. 147). Ora, na medida em que, para Boff, "o processo de conhecimento teológico obedece às mesmas leis de estrutura que as que regem toda prática teórica, tal como acabamos de descrevê-la" (BOFF, C., 1993, p. 150), o ponto de partida formal da teologia só pode ser a "positividade da fé" (corpo de conceitos), já que o "real" da revelação e da fé ficaria "atrás do processo cognitivo" que é a teologia.

A questão de fundo aqui é saber até que ponto essa teoria teológica, assim concebida, aparece como teoria da revelação/fé. Afinal, se teoria e práxis são de "ordens heterogêneas" (BOFF, C., 1998, p. 391) e se "só teoria gera teoria" (BOFF,

C., 1998, p. 117) ou se "a práxis não é mediação teórica alguma" (BOFF, C., 1976, p. 796), a teoria teológica seria sempre teoria de teoria, e nunca, em sentido estrito, teoria da práxis. E o problema não se resolve afirmando que "a revelação, em sua palavra profética, é grávida de teologia" e que, "de resto, a própria bíblia inaugura a teologia" (BOFF, C., 1998, p. 117). Afinal, a bíblia é apenas mais uma teoria de teoria, já que "só teoria gera teoria", ou é teoria da realidade/práxis da revelação e da fé? Nesse caso, haveria de se explicitar o vínculo entre realidade/práxis e teoria, rompendo a lógica da heterogeneidade (sem comprometer a distinção), reconhecendo a insustentabilidade da tese de que "só teoria gera teoria" e tomando em sério a densidade epistemológica da práxis que em algum momento chega a admitir (BOFF, C., 1998), sem assumir as consequências que isso implica.

Gustavo Gutiérrez (2000a, p. 71), por sua vez, ao falar da teologia como "reflexão crítica sobre a práxis" ou mais precisamente como "reflexão crítica da práxis histórica à luz da Palavra", fala da teologia como "ato segundo" (reflexão crítica) em relação ao "ato primeiro" (vida cristã) (GUTIÉRREZ, 1981, 1986, 2000a, 2000b), destacando o vínculo constitutivo e essencial entre teologia e espiritualidade (GUTIÉRREZ, 1984, 2000b). Afirma que "a experiência espiritual é o terreno no qual a reflexão teológica mergulha suas raízes" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 49) e que, "já a partir dos evangelhos, a experiência da fé aparece como o ponto de partida de todo testemunho e reflexão", insistindo que "toda autêntica teologia é uma teologia espiritual" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 50). E isso é determinante do método teológico, já que "o caminho para ser cristão é o fundamento da direção que se toma para fazer teologia" (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 20). Gutiérrez (2000b, p. 20) chega ao extremo de afirmar que "nossa metodologia é nossa espiritualidade", no sentido de que "a reflexão sobre o mistério de Deus só pode ser feita seguindo os passos de Jesus" ou que "apenas a partir do caminhar segundo o Espírito é possível pensar e anunciar o amor gratuito do Pai para toda pessoa humana". Isso explica sua tese fundamental

de que, "no ponto de partida de toda teologia, encontra-se o ato de fé", entendido "não como simples adesão intelectual à mensagem, e sim como acolhida vital do dom da Palavra escutada na comunidade eclesial, como encontro com o Senhor, como amor ao irmão" (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 20): "Acolher a Palavra, fazê-la vida, gesto concreto, está no início de qualquer compreensão da fé" (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 20). E recorda-nos, ademais, que "o primado de Deus e a graça da fé dão ao trabalho teológico sua razão de ser" (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 21).

Dentre os fatores que contribuíram para esboçar essa tese da teologia como "reflexão crítica sobre a práxis" ou como "ato segundo" em relação ao "ato primeiro", Gutiérrez (2000b, p. 61) destaca a redescoberta dos "aspectos existenciais e ativos da vida cristã" e da "importância da ação humana como ponto de partida de toda reflexão" (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 65). Ele recorda que "a teologia coloca sempre em jogo uma certa racionalidade" e que "essa racionalidade corresponde ao universo cultural do crente" (GUTIÉRREZ, 1981, p. 86). E, falando das "intuições centrais" que constituem como que a "coluna vertebral" da Teologia da Libertação ("método teológico" e "perspectiva do pobre"), fala do método teológico em termos de "ato primeiro" e "ato segundo", caracterizando-o como "um esforço para colocar o trabalho teológico no complexo e fecundo contexto da relação prática-teoria" (GUTIÉRREZ, 1981, p. 293). Isso leva a destacar a função de "reflexão crítica" da teologia, compreendendo-a como "momento do processo por meio do qual o mundo é transformado, abrindo-se [...] ao dom do Reino de Deus" (GUTIÉRREZ, 2000a, p. 74).

Conforme advertimos anteriormente, as discussões epistemológicas não ocupam o centro das preocupações e reflexões de Gustavo Gutiérrez. Não vamos encontrar, em sua obra, um estudo mais aprofundado e desenvolvido dessa problemática, nem no que se refere à compreensão de práxis e de teoria nem no que se refere ao vínculo teoria-práxis. É, sem dúvida, um tema importante em sua reflexão (AQUINO JÚNIOR, 2010; GUTIÉRREZ, 1981, 2000b), mas não

constitui o centro de suas preocupações e de seu quefazer teológico. Ademais, pode-se discutir a consistência e a pertinência de seus esboços da problemática teoria-práxis e, sobretudo, dos pressupostos teóricos desses esboços. Pode-se, ainda, desenvolver a mesma problemática em termos distintos e partindo de outros pressupostos teórico-epistemológicos, como fez, por exemplo, Ignacio Ellacuría (2000; AQUINO JÚNIOR, 2010). Em todo caso, sua compreensão de teologia e do fazer teológico supõe e implica uma compreensão da problemática teoria-práxis que supere todo tipo dualismo e tome em sério a densidade epistemológica da práxis.

Tudo isso nos leva a concluir que, no conflito teórico-teológico acerca do "ponto de partida" da teologia entre Boff ("fé positiva ou dogmática") e Gutiérrez ("ato de fé" ou "vida cristã"), subjaz um conflito teórico-epistemológico mais fundamental acerca da inteligência humana que diz respeito, em última instância, à separação ou unidade estrutural entre sentir e inteligir que é determinante da problemática teoria-práxis. Por mais que essa problemática extrapole o âmbito da teologia e a competência do teólogo, precisa, em alguma medida, ser enfrentada e tematizada, pois, como vimos, ela é muito mais decisiva e determinante no fazer e no produto teológico do que comumente se pensa.

Considerações finais

Começamos nossa reflexão advertindo que a discussão sobre o "ponto de partida da teologia" não é uma questão banal nem meramente especulativa, já que está em jogo o estatuto teórico da teologia: tanto no que diz respeito ao seu *assunto* quanto no que diz respeito ao seu *caráter intelectual*. Mostramos como essa questão é compreendida e formulada por Clodovis Boff e por Gustavo Gutiérrez, explicitando a diferença e o conflito teórico-teológico entre eles.

Concluindo essa reflexão, convém advertir, com Antonio González, que a determinação do "ponto de partida" da teologia é algo muito mais decisivo no fazer e no produto teológicos do que se costuma pensar. Ela "pode determinar

decisivamente a formulação da mensagem que o cristianismo quer transmitir" (GONZÁLEZ, 1995, p. 669). Basta indicar aqui duas questões visceralmente vinculadas à problemática do ponto de partida da teologia: o caráter predominantemente doutrinal ou prático da teologia e a questão dos pobres e marginalizados como lugar teológico fundamental.

Antes de tudo, o caráter predominantemente doutrinal ou prático da teologia: uma teologia que parte das *afirmações dogmáticas* está muito mais centrada na pergunta pelo sentido e pela história dessas afirmações e no diálogo entre distintas cosmovisões (mediações hermenêuticas), enquanto uma teologia que parte do *ato de fé ou da vida cristã* está muito mais centrada na vivência da fé e na busca de mediações históricas de sua realização (mediações práticas). Certamente, não há oposição entre essas funções da teologia e, de alguma forma, elas se remetem e se implicam mutuamente. Mas, uma vez que o ponto de partida (doutrinal ou prático) é decisivo no fazer e no produto teológicos, ele tem muito mais implicações na compreensão e vivência da fé do que se pode imaginar. Em boa medida, a práxis excessivamente doutrinal da Igreja (fé) está ligada a uma concepção excessivamente doutrinal da fé (teologia), que, por sua vez, está muito mais ligada do que parece a uma concepção dualista entre sentir e inteligir (intelecção).

Ligada a essa questão, está a problemática dos pobres e marginalizados como lugar teológico fundamental (AQUINO JÚNIOR, 2010, 2017), um dos pontos mais polêmicos no debate sobre o estatuto epistemológico da Teologia da Libertação com Clodovis Boff. No fundo, a questão aqui é se partimos do *acontecimento histórico da revelação* ou de uma *ideia filosófica de Deus*, um tanto estranha ou avessa ao Deus bíblico. Só uma teologia que parta do acontecimento histórico da revelação, no qual Deus se revela como salvador dos pobres e marginalizados, a ponto de se identificar com eles em Jesus Cristo, pode falar de modo consequente, teórica e teologicamente, dos pobres como lugar teológico fundamental, isto é, como lugar por excelência

da presença e ação salvífica de Deus no mundo e, consequentemente, da adesão a ele (fé) e de sua inteligência (teologia), sem que isso oponha Deus e os pobres nem caia na tentação de substituir Deus pelos pobres (crítica de Boff) nem de falar de Deus prescindindo de sua parcialidade pelos pobres (crítica a Boff).

Importa, em todo caso, insistir que a problemática do ponto de partida da teologia não é uma questão banal nem meramente especulativa, mas uma questão decisiva no quefazer e no produto teológicos. Em boa medida, aqui se jogam e se definem, do ponto de vista histórico-epistemológico, as diferenças, as tensões e os conflitos acerca do estatuto teórico-teológico da teologia cristã.

Referências

- ADÃO, Francys Silvestrini. Nossa parte na herança: os frutos de um debate teológico no Brasil. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 74, n. 294, p. 264-299, 2014.
- AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Clodovis Boff e o método da Teologia da Libertação. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 68, n. 271, p. 597-613, 2008.
- AQUINO JÚNIOR, Francisco de. A teologia como intellectus amoris: a propósito da crítica de Clodovis Boff a Jon Sobrino. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 69, n. 274, p. 388-415, 2009.
- AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *A teologia como inteligência do reinado de Deus: o método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuría*. São Paulo: Loyola, 2010.
- AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *O caráter prático-social da teologia: tópicos fundamentais de epistemologia teológica*. São Paulo: Loyola, 2017.
- AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Teologia e filosofia: problemas de fronteira*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Teologia e hermenêutica: da "teologia como hermenêutica" ao momento hermenêutico da teologia*. Petrópolis: Vozes, 2021.
- BOFF, Clodovis. Teologia e prática. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 36, n. 144, p. 789-810, 1976.
- BOFF, Clodovis. *Teologia e prática: teologia do político e suas mediações*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOFF, Clodovis. Retorno à arché da teologia. In: SUSIN, Luiz Carlos (org.). *Sarça ardente: teologia na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 145-187.
- BOFF, Clodovis. Teologia da Libertação e volta ao fundamento. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 67, n. 268, p. 1001-1022, 2007.
- BOFF, Clodovis. Volta ao fundamento: réplica. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 68, n. 272, p. 892-927, 2008.
- BOFF, Leonardo. A originalidade teológica de Gustavo Gutiérrez. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 48, n. 191, p. 531-543, 1988.
- BOFF, Leonardo. Pelos pobres e contra a estreiteza do método. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 68, n. 271, p. 701-710, 2008.
- COMBLIN, José. As estranhas acusações de Clodovis Boff. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 69, n. 273, p. 196-202, 2009.
- ELLACURÍA, Ignacio. *Escritos Teológicos I*. San Salvador: UCA, 2000.
- GONZÁLEZ, Antonio. La vigencia del "método teológico" de la teología de la liberación. *Sal Terrae*, Bilbao, n. 983, p. 667-675, 1995.
- GONZÁLEZ, Antonio. *Introducción a la práctica de la filosofía: texto de iniciación*. San Salvador: UCA, 2005.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *A força histórica dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Beber no próprio poço: itinerário espiritual de um povo*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Hablar de Dios desde el sufrimiento del inocente: una reflexión sobre el libro de Job*. Lima: CEP, 1986.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da libertação: perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2000a.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *A verdade vos libertará: confrontos*. São Paulo: Loyola, 2000b.
- HAMMES, Érico; SUSIN, Luis Carlos. A Teologia da Libertação e a questão dos seus fundamentos: em debate com Clodovis Boff. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 68, n. 270, p. 277-299, 2008.
- LIBANIO, João Batista. Excesso de zelo metodológico. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 69, n. 274, p. 472-474, 2019.
- WESS, Paul. *Deus, Cristo e os pobres: libertação e salvação na fé à luz da Bíblia*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2011.
- ZUBIRI, Xavier. *Inteligencia y razón*. Madrid: Alianza Editorial, 2001.
- ZUBIRI, Xavier. *Inteligencia y logos*. Madrid: Alianza Editorial, 2002.
- ZUBIRI, Xavier. *Inteligencia sentiente: inteligencia y realidad*. Madrid: Alianza Editorial, 2006.

Doutor em Teologia pela Westfälische Wilhelms-Universität Münster (W/WU), em Münster, Alemanha. Professor da Faculdade Católica de Fortaleza (FCF), em Fortaleza, Brasil. Professor da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), em Pernambuco, Brasil.

Endereço para correspondência

Francisco de Aquino Júnior
Universidade Católica de Pernambuco
Escola de Educação e Humanidades
Rua do Príncipe, 526
Boa Vista
Recife, PE, Brasil
50050-900

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo e submetidos para validação do autor antes da publicação.